

XXII ENCONTRO NACIONAL DE ECONOMIA POLÍTICA

CHEAP LABOUR E A LUTA DO HOMEM CONTRA A MÁQUINA: TEORIA, HISTÓRIA, FICÇÃO E ATUALIDADE

Pilar Leminski Veiga¹

RESUMO

Neste artigo, mostramos que a exploração da força de trabalho, segundo a *Lei Geral da Acumulação Capitalista*, parece não se alterar ao longo do tempo. As condições precárias de trabalho e moradia, no campo e nas cidades, permanecem as mesmas da Inglaterra do século XVIII em muitos casos. Para essa análise, utilizamos o capítulo XIII de *O capital*, “Maquinaria e grande indústria”, de Karl Marx, a obra *As vinhas da ira*, de John Steinbeck e o caso ZARA, gigante da moda que ganhou os noticiários policiais após ser acusada de utilizar mão-de-obra escrava. Nossa argumentação busca demonstrar que não importa quão “evoluídas” sejam a tecnologia e as leis trabalhistas, a exploração e a escravidão são a realidade de milhões de pessoas no mundo todo.

Palavras-chave: Lei Geral da Acumulação Capitalista; exploração da força de trabalho; reprodução da pobreza; escravidão.

ABSTRACT

In this article, we show that the exploitation of the labor force, according to the General Law of Capitalist Accumulation, does not seem to have changed over time. The precarious working and living conditions in the countryside and in the cities remain the same as in eighteenth-century England in many cases. For this analysis, we use Karl Marx’s *Capital*, particularly chapter XIII, “Machinery and large industry”, John Steinbeck’s masterpiece *The grapes of wrath*, and the ZARA case, the high-street fashion label that won the police news after being accused of using slave labor. We argue that no matter how “evolved” technology and labor protection laws are, exploitation and slavery are still the reality of millions of people around the world.

Key-words: General Law of Capitalist Accumulation; exploitation of workforce; poverty reproduction; slavery.

¹ Mestranda no Programa de Pós Graduação em Ciências Humanas e Sociais e bacharel em Ciências Econômicas pela UFABC.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Neste artigo será apresentada a relação entre a reprodução do capital e a reprodução da força de trabalho sob a ótica da *Lei Geral da Acumulação Capitalista*, apresentada por Marx em *O capital* e sua contínua perpetuação ao longo do tempo, na “ficção” e na realidade. Existem na história inúmeros exemplos da exploração da força de trabalho pelo capital, como mostra Marx no capítulo XIII “Maquinaria e grande indústria”, da referida obra. A literatura² recria a realidade, com ela dialoga e, portanto, esses mesmos exemplos podem ser encontrados em inúmeras personagens e obras literárias. Dentre essas incontáveis possibilidades de análise da “ficção”, para este estudo foi escolhida a grande obra-prima de John Steinbeck, *As vinhas da ira*.

Marx, no capítulo XIII, explicita a utilização da maquinaria como capital no sistema fabril e as terríveis consequências sobre os trabalhadores, a quem chama, em dado momento, de “pobres diabos”. No entanto, o que acontece no campo com a introdução dos tratores é análogo, como o próprio autor d’*O capital* deixa claro em diversas passagens do texto. No campo, entretanto, não é a atrofia causada pela divisão do trabalho que lhes dá acesso apenas a ramos inferiores de trabalho, saturados e sub-remunerados, mas sim a irrelevância do conhecimento de todo o processo de cultivo da terra imputada aos trabalhadores rurais pela introdução da maquinaria agrária. Em relação à penúria do trabalho e à miséria humana, a grande agricultura é equivalente à grande indústria. A *Lei Geral da Acumulação Capitalista* dá a base teórica de apreensão do modo capitalista de produção e é preciosa para o entendimento das relações de classe e do próprio posicionamento político de Steinbeck.

Em *As vinhas da ira* acompanhamos a trajetória da família Joad, uma família de pequenos arrendatários³, em sua marcha rumo ao oeste em busca de trabalho após ter perdido suas terras. A trajetória desta família é um retrato da realidade vivida por inúmeras famílias que perderam suas escassas posses para os bancos durante a crise de 1929 e a Grande Depressão dos anos 1930. Aqui, no entanto, não nos interessa explorar as causas da crise de 1929, mas sim o que acontece com a massa de força de trabalho “liberada” dos meios de subsistência no campo. O capítulo XIII, ao qual daremos grande ênfase, é um dos diversos capítulos filosófico-reflexivos que acompanham a narrativa de John Steinbeck, portanto não fala especificamente das personagens do romance, e sim da sua própria reflexão política acerca dos acontecimentos. Esta obra de Steinbeck não é “apenas”

² Referimo-nos aqui à literatura chamada de “realismo”, de verossimilhança ou imitação da realidade, geralmente ancorada e em diálogo com um determinado momento histórico. A literatura “não-fantástica”.

³ É importante salientar que nossos pequenos arrendatários nada têm em comum com os arrendatários capitalistas que exploram a força de trabalho nas terras que arrendam, extraem mais-valia e dão impulso ao movimento de valorização do capital. A família Joad é a arrendatária e ela mesma trabalha e vive na terra que arrenda, não possui capital e não extrai mais-valia.

uma dentre tantas obras de ficção que recriam a realidade, mas há nela um componente jornalístico, pois o autor visitou diversos acampamentos e conversou com inúmeros trabalhadores durante o período da Grande Depressão, tornando este retrato da realidade ainda mais acurado.

Mais próximo do momento presente, o escandaloso *Caso ZARA* é apresentado ao final, mostrando que a exploração da força de trabalho no século XXI assemelha-se ainda àquela descrita por Marx, no século XIX e por Steinbeck, na primeira metade do século XX. Ou seja, o núcleo da forma capitalista de produção, ou sua essência, em nada mudou. A ZARA é uma renomada grife de roupas que em 2011 ganhou os noticiários policiais ao ser acusada de utilizar trabalho escravo em sua confecção, em São Paulo.

Curiosamente ou não, a indústria têxtil têm tenebrosas histórias trabalhistas desde a Revolução Industrial e continua, pelo menos no *Caso ZARA* aqui apresentado, a perpetuar a opressão do homem pelo capital. Enquanto isso, a “lista negra” do Ministério do Trabalho brasileiro, lista das ocorrências de trabalho considerado semelhante à escravidão, é composta, em sua maioria, por propriedades rurais. Assim fazemos a conexão entre Marx, Steinbeck e a ZARA.

A primeira seção deste artigo retoma um pouco da argumentação teórica de Marx n’*O capital*. A apresentação de Steinbeck e a descrição das penúrias da família Joad estão nas seções seguintes. Por fim, a partir do pano de fundo construído por todas as seções, mostro que essas relações de dominação do capital sobre a força de trabalho não são ficção e tampouco estão obsoletas, mas antes, nos cercam por todos os lados a partir de exemplos atuais de situações de penúria e exploração de vidas humanas.

1. INTRODUÇÃO DA MAQUINARIA E A LEI GERAL DA ACUMULAÇÃO CAPITALISTA

A função da introdução da maquinaria no processo de produção, como qualquer outro desenvolvimento da força produtiva do trabalho, tem um único objetivo: baratear as mercadorias. Isso implica no aumento da parte da jornada de trabalho que o trabalhador cede gratuitamente ao capitalista. A maquinaria intensifica a divisão do trabalho, elevando a produtividade de forma que são necessários cada vez menos trabalhadores para produzir a mesma quantidade de mercadorias no mesmo tempo. A maquinaria é um meio para produzir mais-valia, o fim último de qualquer processo de produção capitalista. Agora o processo é guiado por um princípio objetivo. O controle do processo de trabalho é tirado do trabalhador porque é instalado no sistema de máquinas. Tem-se, pois, uma negação do processo de trabalho como tal. A ciência penetra no processo de produção para realizar a separação entre o trabalho e o seu fim imediato. A introdução da maquinaria criou uma grande massa de desempregados, resultando num confronto violento entre o trabalhador e o

seu meio de trabalho. Algo somente possível sob o caráter alienado da forma capitalista de produção:

[a] maquinaria não atua, no entanto, apenas como concorrente mais poderoso, sempre pronto para tornar trabalhador assalariado “supérfluo”. Aberta e tendencialmente, o capital a proclama e maneja como uma potência hostil ao trabalhador. Ela se torna a arma mais poderosa para reprimir as periódicas revoltas operárias, greves etc., contra a autocracia do capital. (MARX, 1985, p. 51)

A acumulação de capital só pode ser produzida pela exploração da força de trabalho, por meio do trabalho não-pago. À medida que a revolução técnica aumenta a produtividade do trabalho, cria uma expansão do capital global, atraindo mais força de trabalho ao mesmo tempo em que a repele: isto significa dizer que a demanda por trabalho aumenta com a expansão do capital global, porém com a alteração da composição técnica, isto é, da proporção entre capital fixo e capital variável, essa demanda cresce em menor proporção, pois com a introdução da maquinaria, o capital fixo cresce mais que o capital variável. A centralização do capital, ou seja, a absorção de pequenos capitalistas pelos maiores, por outro lado, dá um movimento acelerado à acumulação, uma vez que independe da expansão da riqueza da sociedade. Assim, no modo de produção capitalista, a força de trabalho produz, continuamente, sua própria “redundância relativa” ao ser ela mesma a força que produz e utiliza a maquinaria que a repele.

Ela [a força de trabalho] constitui um exército industrial de reserva disponível, que pertence ao capital de maneira tão absoluta, como se ele o tivesse criado à sua própria custa. Ela proporciona às suas mutáveis necessidades de valorização o material humano sempre pronto para ser explorado [...]. (MARX, 1985, p. 200)

A vida da indústria moderna e da classe trabalhadora seguem juntas o curso das oscilações periódicas causadas pelo movimento do capital, sendo a segunda absorvida em maior ou menor proporção pelo capital: no curso de acumulação, há maior absorção; conforme a acumulação se expande e a revolução técnica muda a composição técnica, há aumento da absorção da força de trabalho, porém não na mesma proporção com que se expande o capital e, portanto, parte maior da força de trabalho é repelida; a centralização acelera esse processo, criando uma superpopulação; a acumulação agora se desacelera gerando crise seguida de estagnação; atingido o ponto em que a acumulação torna-se possível novamente, reinicia-se o processo. A força de trabalho é, portanto, dominada pela acumulação que ela mesma cria.

A expansão súbita e intermitente da escala de produção é o pressuposto de sua contração súbita; a contração provoca novamente a expansão, mas esta é impossível sem material humano disponível, sem multiplicação dos trabalhadores independente do crescimento absoluto da população. Ela é criada pelo simples processo de “liberar” constantemente parte dos trabalhadores, por métodos que diminuem o número de trabalhadores ocupados em relação à produção aumentada. Toda a forma de movimento da indústria moderna decorre, portanto, da constante transformação de parte da população trabalhadora em braços desempregados ou semi-empregados. (MARX, 1985, p. 201)

Ao mesmo tempo, a parte da classe trabalhadora incorporada pelo capital é submetida ao sobretrabalho devido à pressão exercida pelo exército de reserva, e, da mesma forma, o sobretrabalho reproduz o exército de reserva. Esse processo torna-se um meio de enriquecimento do capitalista individual e simultaneamente cria as condições adequadas à acumulação de capital.

No campo, à medida que a produção capitalista se apodera da atividade agrícola, a demanda por trabalhadores rurais decresce em termos absolutos. Estes trabalhadores, quer migrem para as cidades, quer permaneçam nômades no campo, são rebaixados aos salários em nível mínimo e são os maiores candidatos ao pauperismo, pois não possuem nem o mínimo de especialização criada pela divisão do trabalho dentro do sistema fabril.

A enunciação da *Lei Geral da Acumulação Capitalista* é, então, assim formulada:

[q]uanto maiores a riqueza social, o capital em funcionamento, o volume e a energia de seu crescimento, portanto, também a grandeza absoluta do proletariado e a força produtiva de seu trabalho, tanto maior o exército industrial de reserva. A força de trabalho disponível é desenvolvida pelas mesmas causas que a força expansiva do capital. A grandeza proporcional do exército industrial de reserva cresce, portanto, com as potências da riqueza. Mas quanto maior esse exército de reserva em relação ao exército ativo de trabalhadores, tanto mais maciça a superpopulação consolidada, cuja miséria está em razão inversa do suplício de seu trabalho. Quanto maior, finalmente, a camada larenta da classe trabalhadora e o exército industrial de reserva, tanto maior o pauperismo oficial. *Essa é a lei absoluta, geral da acumulação capitalista.* (MARX, 1985, p. 209)

2. CHEAP LABOUR

Inquietavam-se as terras do oeste sob os efeitos da metamorfose incipiente. Os Estados ocidentais estavam inquietos como cavalos antes do temporal. Os grandes proprietários inquietavam-se, pressentindo a metamorfose e sem atinar com a sua natureza. Os grandes proprietários atacavam o que lhes ficava mais próximo: o governo de poder crescente, a unidade trabalhista cada vez mais firme; atacavam os novos impostos e os novos planos, ignorando que tudo isto era efeito, e não causa. Efeito, não causa; efeito, não causa. A causa escondia-se bem no fundo e era simples — a causa era fome, barriga vazia, multiplicada em milhões; fome na alma, fome de um pouco de prazer e um pouco de tranquilidade, multiplicada em milhões; músculos e cérebros que querem crescer, trabalhar, criar, multiplicados em milhões. (STEINBECK, 1976, p. 180)

Marx nos apresenta inúmeros relatos e exemplos dos efeitos da introdução da maquinaria no sistema fabril. Dentre eles, o “trabalho domiciliar”, que impera muitas vezes nas áreas rurais. Agora, os domicílios se transformam numa extensão da fábrica, movimentado pelo capital. Dezenas de trabalhadores enfurnados nestes pequenos buracos insalubres produzindo itens necessários à grande indústria, à manufatura ou à grande loja. Para Marx, a exploração da força de trabalho se torna ainda mais inescrupulosa e “[...] desavergonhada no assim chamado trabalho domiciliar do que na manufatura, porque a capacidade de resistência dos trabalhadores diminui com sua dispersão” (MARX, 1985, p. 72). Não é apenas a dispersão, no entanto, que enfraquece o poder da unidade trabalhista, mas aqui também a transformação do caráter da produção: com a maquinaria, o

trabalhador mais hábil torna-se supérfluo. Crianças e mulheres são capazes de supervisionar a máquina ou operá-la por salários menores que os dos homens adultos. Por vezes Marx declara que o vício e a indecência são apenas naturais, dadas as condições de habitação e trabalho entre essa classe de “pobres diabos”. Diz Marx que

[...] a pobreza rouba do trabalhador as condições mais necessárias ao trabalho, como espaço, luz, ventilação etc., cresce a irregularidade do emprego e, finalmente, nesses últimos refúgios daqueles que a grande indústria e a grande agricultura tornaram “supérfluos”, a concorrência entre os trabalhadores alcança necessariamente seu máximo. (MARX, 1985, p. 72)

O comprador da força de trabalho tem apenas um interesse: valorizar seu capital. Dessa forma, mesmo que sua produção aumente, comprará força de trabalho somente até o ponto em que pode obter dela mais-valia, mais-produto, e nenhum braço a mais. A família Joad nunca deixa a atividade agrícola. Conseguem trabalho nas colheitas de frutas da Califórnia, em que trabalham todos, adultos e crianças. O exército de famintos, no entanto, mantém os salários ao nível mais baixo possível, com a concorrência em seu nível máximo, como fica claro no discurso do Pai Joad:

— Bem, eles baixaram os salários, como tu tinha dito. E chegou uma porção de gente nova para trabalhar na colheita. Eles tavam com tanta fome que trabalhavam até para ganhar um pedaço de pão seco. E quando um ia pegar num pêssego, já outro tinha apanhado ele. Já acabaram quase co’a colheita toda. Eles chegaram a brigar... Um camarada diss’que a árvore era dele e outro diss’que era dele. Foi um caso sério. Esse pessoal veio de El Centro. Gente faminta como o diabo. Trabalham o dia todo por um pedaço de pão. Eu diss’àquele homem que faz o registro do pessoal: “A gente não pode trabalhar por dois *cents* e meio a caixa”, e ele me disse: “Perfeitamente, então deixa. Esses homens todos podem”. Eu disse então: “Quando eles tiverem co’a barriga cheia, também vão querer mais”. E ele falou: “Ora, esses pêssegos tão todos colhidos antes que eles tejam co’a barriga cheia”. (STEINBECK, 1976, p. 495-496)

Outra forma de explorar a força de trabalho barata (*cheap labour*) é torná-la quase-escrava. Em *O capital*, esse trabalho quase-escravo pode ser inferido pela descrição das *cottages* — moradias⁴.

“Uma terrível desmoralização é o modo como moram. Cada [moldador] [...] fornece, a seu grupo de 7 pessoas, alojamento e refeições em sua cabana ou *cottage*. Pertencendo ou não à sua família, homens, jovens, mocinhas dormem na cabana. Esta é constituída por 2, só excepcionalmente por 3 peças, todas ao rés-do-chão, com pouca ventilação. Os corpos estão tão exaustos pela grande transpiração que de nenhum modo são observadas as regras de higiene, de limpeza ou de decência. Muitas dessas cabanas são verdadeiros modelos de desordem, sujeira e pó. (...) O maior mal desse sistema, que emprega mocinhas para essa espécie de trabalho, reside em que, em regra, ele as amarra, desde a infância, por todo o resto da vida, à corja mais abjeta. Elas se tornam rudes rapagões desbocados [...] antes mesmo de a Natureza tê-las ensinado que são mulheres. Vestidas com poucos trapos imundos, pernas desnudas até bem acima dos joelhos, cabelos e rostos manchados com sujeira, aprendem a tratar com desprezo todos os sentimentos de decência e pudor. Durante o intervalo das refeições, deitam-se

⁴ Marx apresenta outra forma de trabalho quase-escravo: “[...] a força produtiva extraordinariamente elevada nas esferas da grande indústria, acompanhada como é por exploração da força de trabalho ampliada intensiva e extensivamente em todas as esferas da produção, permite ocupar de forma improdutiva uma parte cada vez maior da classe trabalhadora e assim reproduzir maciçamente os antigos escravos domésticos sob o nome de ‘classe serviçal’, como criados, empregados, lacaios etc.” (MARX, 1985, p. 59).

esticadas pelos campos ou espiam os rapazes que tomam banho num canal próximo. Concluído, afinal, seu pesado labor cotidiano, vestem roupas melhores e acompanham os homens às tabernas.” (MARX, 1985, p. 73)

Nossos protagonistas, a família Joad, acabam vivendo em algo parecido com isto: as *cottages*, nos diz Marx, eram muitas vezes de propriedade do capitalista, e o pagamento do aluguel era descontado do salário do trabalhador, de forma que este estava “preso”, uma vez que tendo seu salário diminuído pelo aluguel, não podia obter meios para emancipar-se. As oficinas e as *cottages* eram lugares insalubres, onde dezenas de pessoas dividiam um espaço mínimo, sem ventilação; muitas dormiam no mesmo local em que trabalhavam. A família Joad viveu uma situação parecida. As casas, um amontoado de tendas, não pertenciam ao *landlord*⁵, no entanto, a mercearia ou pequeno mercado que abastecia as famílias acampadas que trabalhavam na colheita de pêssegos pertencia. A prática comum era vender tanto comida quanto artigos de higiene e todo tipo de mercadorias. Os trabalhadores ficavam assim presos ao *landlord*, como se pode verificar neste diálogo entre Tom, o primogênito e a mãe Joad:

— Quero comer! — Tom foi gritando.
Pegaram nos pratos. Comeram sem pronunciar palavra, avidamente, absorvendo com o pão o molho do fundo dos pratos. As crianças recolheram-se a um canto da peça. Botaram os pratos no chão e ajoelharam-se ante a comida, qual bichinhos.
Tom engoliu o seu último pedaço de pão.
— A senhora tem mais alguma coisa, hein, Mãe?
— Não — falou ela. — Só isto. Vocês ganharam um dólar e o que comemos custou um dólar, certinho.
— Um dólar?
— Eles vendem as coisas mais caro. Diss’que a gente que vá comprar na cidade, se não gostar.
— Ainda não enchi a barriga — disse Tom.
— Bem, amanhã vocês trabalham o dia todo. Amanhã de noite, a gente pode comprar mais coisas.
(STEINBECK, 1976, p. 470-471)

A atividade agrícola é, por natureza, sazonal. Assim, durante os períodos de colheita, a força de trabalho sofre “exploração desenfreada”, ou sobretrabalho, durante as baixas temporadas, sofre com a miséria da falta de trabalho, além de manter a condição nômade, incerta e imprevisível. Os exércitos de famintos movem-se e competem mortalmente por qualquer trabalho, a qualquer preço.

Em 1935, a Rota 66 que ligava Oklahoma ao *Central Valley* na Califórnia foi tomada por uma procissão de carros velhos, caindo aos pedaços. Essa é a rota da família Joad. Steinbeck escreve em seus artigos para jornais o retrato dessa gente:

Eles chegam à Califórnia geralmente depois de consumir todos os recursos na viagem, vendendo até os lençóis, utensílios e ferramentas no caminho para comprar gasolina. Chegam perplexos e derrotados, em geral meio mortos de fome, com apenas uma necessidade a enfrentar de imediato, a de encontrar trabalho por qualquer salário, para que a família possa comer. (STEINBECK, 1938 in PARINI, 1998)

⁵ O proprietário da terra.

3. MOTIVAÇÕES E CONTEXTO HISTÓRICO

Os Estados ocidentais inquietavam-se sob os efeitos da metamorfose incipiente. Texas e Oklahoma, Kansas e Arkansas, Novo México, Arizona, Califórnia. Uma família isolada mudava-se de suas terras. O pai pedira dinheiro emprestado ao banco e agora o banco queria as terras. A companhia das terras — que é o banco, quando se ocupa dessas transações — quer tratores, em vez de pequenas famílias nas terras. Um trator é mau? A força que produz os compridos sulcos na terra não presta? Se esse trator fosse nosso, não meu, nosso, prestaria. Se esse trator produzisse os compridos sulcos em nossa própria terra, prestaria, na certa. Não nas minhas terras, nas nossas. Então, aí sim, a gente gostaria do trator, gostaria dele como gostava das terras quando ainda eram da gente. Mas esse trator faz duas coisas diferentes: traça sulcos nas terras e expulsa-nos delas. Não há quase diferença entre esse trator e um tanque de guerra. Ambos expulsam os homens que lhes barram o caminho, intimidando-os, ferindo-os. Há que pensar sobre isto. (STEINBECK, 1976, p. 181)

O que Steinbeck presenciou em suas excursões entre 1935 e 1936 aos campos de sua cidade natal, Salinas, e em outros acampamentos ao redor das grandes fazendas de *Central Valley*, chocou-o pela violência. A greve dos campos de alface de Salinas, esmagada violentamente pela Associação dos Agricultores e pelos grandes fazendeiros e distribuidores de alface, foi descrita em sua obra *Luta incerta*, de 1936. A inspiração para sua grande obra, *As vinhas da ira*, veio de sua amizade com Tom Collins, um dos primeiros administradores de acampamentos de migrantes. Com a ajuda de Tom, pode entrevistar muitos *okies* (como eram chamados os migrantes).

Duas mil pessoas se espremiavam no abrigo temporário daquele acampamento e muitas sofriam de doenças contagiosas como sarampo e caxumba, até mesmo pneumonia e tuberculose. “Tinha criança fraca demais para ficar em pé”, lembra um sobrevivente desse acampamento. “Tentaram pôr os doentes em abrigos separados, mas não deu certo. Era gripe, tifo, todo tipo de coisa. Os velhos apenas ficavam sentados de olhos fixos, e muitos deles morriam mais de tristeza que de qualquer outra coisa. A maioria do pessoal mais jovem tinha muita raiva. Estavam furiosos mesmo. Alguém os chutara de sua terra e ali estavam sem trabalho, sem nada para procurar. Irrompiam motins aqui e ali, mas não eram muito difíceis de sufocar, porque ninguém se sentia bem fazendo aquilo. Ninguém pode revidar quando não se sente bem. Esse era o segredo dos patrões e da polícia, e eles sabiam que venceriam.”. (PARINI, 1998)

O acampamento descrito acima é um dos poucos acampamentos criados pelo governo federal, na tentativa de dar um suporte, ainda que pequeno, aos milhares de migrantes e tinha por objetivo ser um exemplo de como os fazendeiros deveriam montar e administrar seus próprios acampamentos para receber tamanha quantidade de famílias. No entanto, os fazendeiros nunca se interessaram por esse projeto. A família Joad passou algum tempo num desses acampamentos do governo. Foi a melhor estadia que tiveram desde que deixaram para trás suas terras. Esses acampamentos, e aqui Steinbeck reproduz sua própria experiência no acampamento administrado por Tom Collins, onde foi trabalhar por duas semanas em fevereiro de 1938, possuíam uma organização autônoma: os moradores dividiam-se para dar conta das tarefas; as mulheres cuidavam

das crianças e cozinham, enquanto os homens saíam em busca de trabalho nas fazendas da redondeza. Formavam assim um tipo de comunidade cooperativa.

A cada nova visita a estes acampamentos, Steinbeck ficava estarelecido com sua deterioração. Mais e mais migrantes chegam. Menos trabalho se consegue. A família Joad deixa o acampamento sanitário porque nas proximidades não havia mais trabalho. Seguiam em frente. Ficavam em acampamentos improvisados, insalubres, em condições muito próximas às descritas no capítulo “Maquinaria e grande indústria”, escrito setenta anos antes. Steinbeck indignava-se a cada nova visita: “cinco mil famílias estavam morrendo de fome”; “[a] vergonha e o ódio à publicidade vão dar um jeito nesses miseráveis banqueiros locais”; “[a] morte de crianças pela fome em nossos vales é simplesmente estonteante”; “[e]u me desmonto toda vez que saio, porque a afirmação de que o trabalho de uma só pessoa não pode realmente fazer nada não parece se aplicar quando a gente encontra um bando de crianças famintas e tem algum dinheiro”, dizia ele à Elizabeth Otis, sua agente literária e grande amiga (PARINI, 1998).

Steinbeck, como muitos autores jovens dos anos trinta, acreditava no projeto comunista. Porém, em sua segunda visita à Moscou em 1936, apesar de admirado pela transformação dos bairros lamacentos e sujos em uma porção de prédios residenciais públicos, frustrava-se com a falta de liberdade individual. Sobre a censura aos correspondentes jornalistas, diz:

[c]hegamos à conclusão de que os russos são, em todo o mundo, os piores propagandistas, os mais incompetentes em termos de relações públicas. Em geral, o jornalista desembarca em Moscou cheio de boa vontade e disposto a entender aquilo que vê. Logo, porém, ele se vê tolhido e incapaz de cumprir suas tarefas. Aos poucos, começa a mudar de humor e passa a odiar o sistema, não enquanto sistema, mas como um obstáculo à realização de seu trabalho. Não há maneira mais rápida de indispor alguém contra tudo. Esse jornalista acaba virando uma pessoa nervosa e mesquinha, pois não pôde cumprir com seus encargos. E um homem impossibilitado de realizar seu trabalho em geral detesta o que o impede de cumprir sua função. O pessoal da embaixada e os correspondentes sentem-se solitários e isolados, estão ilhados no meio da Rússia, e não surpreende que se sintam sós e amargurados. (STEINBECK, 2003, p. 34).

4. A DESCOBERTA DO “NÓS”

No capítulo XIII de *As vinhas da ira*, Steinbeck vocifera sobre aquilo que se pode chamar de “a descoberta do nós”. Lembremos que Marx diz que a dispersão enfraquece a unidade trabalhista e também o depoimento do sobrevivente que diz que ninguém pode revidar quando não se sente bem. A crise nos campos do leste estadunidense fez ambos: dispersão e dor. Doença, fome, desesperança. Trabalhadores competindo entre si pelos salários miseráveis.

Um homem, uma família, expulsos de suas terras, esse veículo enferrujado arrastando-se pela estrada rumo ao oeste. Eu perdi minhas terras; um trator, um só, tomou-mas. Estou sozinho e apavorado. E uma família pernoita numa vala e outra família chega e estacas são fincadas na terra e tendas surgem. Os dois homens acocoram-se no chão e as mulheres e as crianças escutam em silêncio. Aí está o nó, ó tu que odeias mudanças e temes revoluções! Mantém esses dois homens apartados; faz com que eles se

odeiem, receiem-se, desconfiem um do outro. Porque aí começa aquilo que tu temes. Aí é que está o germe. Porque aí transforma-se o “*Eu* perdi minhas terras”; uma célula se rompeu e dessa célula rompida brota aquilo que tu tanto odeias, o “*Nós* perdemos nossas terras” [...]. (STEINBECK, 1976, p. 181-182)

Da mesma forma que Marx indica que a maquinaria em si não é a responsável pela penúria imposta à classe trabalhadora quando diz que “[e]ra mister tempo e experiência para o trabalhador aprender a distinguir a maquinaria de sua aplicação capitalista e atacar não os meios materiais de produção, mas a forma social em que são explorados” (MARX, 1988, p. 490-491), Steinbeck mostra que o trator é bom, quando é “nosso”, assim como o é a terra, quando é “nossa”. Não se trata de uma crítica à maquinaria ou à exploração do trabalho, mas a exposição dos efeitos do modo de produção capitalista, sua causa primeira. Não se trata de lutar por melhores salários ou condições de trabalho, mais empregos ou tratamento humano. Trata-se de despir a máscara das relações capitalistas. Jogar luz sobre seus segredos. Para Steinbeck, no seu capítulo treze, trata-se de expor quão perigosa é a descoberta do nós para o capital. Os dois homens, as duas famílias, são o início:

[...] Aí é que está o perigo, pois que dois homens nunca se sentem tão sozinhos e abatidos como um só. E desse primeiro “nós” nasce algo muito mais perigoso: “Eu tenho um pouco de comida” e “Eu não tenho nenhuma”. Quando a solução desse problema é “*Nós* temos um pouco de comida”, aí a coisa toma um rumo, aí o movimento já tem um objetivo. Apenas uma pequena multiplicação, esse trator e essas terras são nossos. [...] Sim, é aí que tu deves lançar a tua bomba. É este o começo . . . do “*Eu*” para o “*Nós*”. (STEINBECK, 1976, p. 182)

Vimos que a força de trabalho cria continuamente sua própria redundância. Ou seja, pelo incremento de sua produtividade, cria seu desemprego, por um lado, e o sobretrabalho, por outro. Steinbeck mostra aqui que, quando as terras e os tratores são “nossos”, a relação de dependência entre o dono dos meios de produção e os despossuídos cessa: o trabalho agora é “nosso”, trabalhamos para “nós mesmos”. Não há a propriedade do indivíduo, mas do coletivo. É por isso que Steinbeck sentencia aos possuidores dos meios de produção que

[s]e tu, que tens tudo o que os outros precisam ter, puderes compreender isto, saberás defender-te. Se tu souberes separar causas de efeitos, se tu souberes que Paine, Marx, Jefferson, Lênin foram efeitos e não causas, sobreviverás. Mas tu não poderás saber disto. Pois que a qualidade de “dono” mergulha-te sempre no “Eu” e sempre te isola do “Nós”. (STEINBECK, 1976, p. 182)

5. NEM FICÇÃO, NEM OBSOLESCÊNCIA

É sempre mais fácil julgar o passado do que apreender o presente, em que os fatos estão incompletos e inacabados. O presente é fluido e dinâmico, enquanto o passado poderia ser pressuposto como tão mais estático quanto mais longínquo estiver no tempo. Assim, parece fácil presumir que os acontecimentos citados por Marx e Steinbeck foram superados ou, ainda, que podem ter sido exagerados. De fato, a teoria econômica vigente vê o modo de produção capitalista como àquele em que prevalece a liberdade individual, a livre empresa. O aumento da produtividade

barateia o custo de produção, tornando acessíveis novos bens a cada dia. A melhoria das condições de trabalho e a diversidade da indústria e dos serviços parecem ter proporcionado condições de vida melhor a todos, capitalistas e trabalhadores. A formação de “capital humano” é a maneira que a força de trabalho tem para acessar melhores empregos. Reina a meritocracia. A classe média e média alta vende-se de bom grado aos grandes conglomerados, em busca de altos salários: sua cela de ouro é larga e luxuosa. Às classes baixas, o consumo de massa; às classes altas, o consumo de luxo. Mas todos estão consumindo como nunca antes na história humana.

O CASO ZARA

Em 2011, a gigante da indústria da moda Zara foi acusada de utilizar trabalho forçado e/ou escravo pelo Ministério do Trabalho brasileiro. No jornal britânico *The Guardian*, de 18 de agosto de 2011 lê-se que para cada calça *jeans*, vendida por \$126 (R\$200), \$1,14 (R\$1,80) era a remuneração do trabalho, dividido entre as sete pessoas envolvidas no processo, ou seja, 26 centavos de real por pessoa. Isso gerava aos trabalhadores um ganho mensal entre \$156 e \$290 libras (R\$ 248 e R\$ 460, respectivamente). O salário mínimo brasileiro à época era de \$344 libras (R\$ 546) (BURGEN e PHILLIPS, 2011). É conhecida a situação de muitos bolivianos que vêm ao Brasil em busca de trabalho e acabam semi-escravizados naquilo que pode ser perfeitamente comparável às *cottages* inglesas do século XIX. O jornal britânico usa a palavra *sweatshops* para se referir aos locais de trabalho, cujo significado segundo o dicionário *Cambridge*⁶ é: uma pequena fábrica onde os trabalhadores recebem um salário muito baixo e trabalham muitas horas em péssimas condições⁷. Em 2013 o *Daily Mail*, também britânico, noticiou a descoberta de *sweatshops* da Zara na Argentina (OSBORNE, 2013).

No site da *Repórter Brasil*, em matéria de 16 de agosto de 2011 sobre a ação da Superintendência Regional do Trabalho e Emprego de São Paulo, lê-se que

[o] quadro encontrado pelos agentes do poder público [...] incluía contratações completamente ilegais, trabalho infantil, condições degradantes, jornadas exaustivas de até 16h diárias e cerceamento de liberdade (seja pela cobrança e desconto irregular de dívidas dos salários, o *truck system*, seja pela proibição de deixar o local de trabalho sem prévia autorização). Apesar do clima de medo, um dos trabalhadores explorados confirmou que só conseguia sair da casa com a autorização do dono da oficina, concedida apenas em casos urgentes, como quando teve de levar seu filho às pressas ao médico. (PYL e HASHIZUME, 2011)

Em 17 de agosto de 2011, a revista americana *Forbes* (ANTUNES, 2011) também noticia a acusação de utilização de trabalho em condições análogas à escravidão em mais de trinta plantas

⁶ <http://dictionary.cambridge.org/pt/dicionario/ingles/sweatshop?fallbackFrom=english-portuguese> acessado em 08/10/2016.

⁷ A small factory where workers are paid very little and work many hours in very bad conditions.

terceirizadas da Zara no Brasil, cujo dono, Amancio Ortega, fora listado como a sétima fortuna do mundo, com US\$ 31 bilhões.

Em 21 de maio de 2014, a revista *Veja* (BERTÃO, 2014) fez uma reportagem cujo título era “Zara admite que havia trabalho escravo em sua cadeia produtiva”. Segundo a revista, “[o] presidente João Braga respondeu ‘sim’ quando questionado pelo presidente da Comissão [Parlamentar de Inquérito do Trabalho Escravo] [...] se ‘havia trabalho escravo na cadeia produtiva da Zara em 2011’”.

Na revista *Carta Capital* de 15 de maio de 2015 (AGÊNCIA BRASIL, 2015), afirma-se que a Zara fora autuada pelo Ministério Público do Trabalho por “descumprir o Termo de Ajustamento de Conduta (TAC) firmado em 2011 para corrigir condições degradantes que caracterizam trabalho escravo na cadeia produtiva da empresa”.

Há quatro anos, a Zara foi autuada por manter 15 trabalhadores bolivianos e peruanos em condição análoga à de escravo na atividade de costura. As oficinas subcontratadas pela marca receberam 52 autos de infração. Entre as irregularidades, foram constatadas jornada de trabalho excessiva, servidão por dívida e situação precária de higiene.

Os investidores da Inditex, grupo ao qual pertence a Zara, não parecem ter se sensibilizado com o ocorrido, uma vez que da empresa esperam apenas a valorização de seu capital. Na verdade, as ações da empresa tiveram uma escala ascendente desde a primeira acusação. Desde 2001, as ações da empresa tiveram uma valorização de quase 800%. O gráfico abaixo mostra a oscilação de preços das ações de 2001 até 2016.



INDÚSTRIA MODERNA DA ESCRAVIDÃO

Segundo dados da *International Labour Organization*, aproximadamente 21 milhões de pessoas trabalham em condições análogas à escravidão no mundo, das quais 90% são exploradas pelo setor privado da economia. O lucro anual gerado pela indústria de exploração de trabalho humano é de quase US\$ 150bi. A Ásia e as economias desenvolvidas embolsam quase US\$ 100bi anuais. A maior parte desses trabalhadores se encontra na Ásia, 13,3 milhões; na África estão 3,7 milhões; 1,8 milhões na América Latina; 1,5 milhões localizados nos EUA e UE; e 600 mil no Oriente Médio. O documento *The state of world's children*, da UNICEF, citado por Davis, entre muitas trágicas histórias, diz, sobre a indústria de sáris de seda de Varanasi:

“As crianças trabalham doze ou mais horas por dia, seis dias e meio ou sete dias por semana, sob condições de violência física e verbal. Começando até aos cinco anos, ganham de nada a umas 400 rupias (R\$8,33) por mês”. Numa oficina, os pesquisadores descobriram uma criança de nove anos acorrentada ao seu tear; por toda parte viram meninos cobertos de cicatrizes de queimaduras devidas ao perigoso trabalho de ferver os casulos do bicho-da-seda, assim como meninas com as vistas prejudicadas pelas horas intermináveis que passam bordando com pouca luz. (DAVIS, 2006, p. 187)

No Brasil, a maior parte desses trabalhadores está na agricultura e na construção civil. A “lista suja”, como ficou conhecida a lista divulgada pelo Ministério do Trabalho com o nome do escravista e a quantidade de trabalhadores-escravos que possui, conta com 349 instituições listadas e 4119 trabalhadores em condições de escravidão em sua última divulgação em abril de 2016. Destas instituições, 230 são fazendas, com um total de 2412 trabalhadores. Na construção civil, são 24 instituições, com 542 trabalhadores. As oficinas de costura ficam em terceiro lugar, com 13 instituições e 151 trabalhadores.

As condições de moradia no século XXI também remontam àquelas descritas por Marx, no século XIX. A mecanização do campo e a transformação da atividade agrícola em agronegócio, expulsa grande contingente populacional para as cidades. Estas últimas, no entanto, não oferecem empregos nem infraestrutura para atender essa superpopulação. Os países pobres e em desenvolvimento têm sofrido desindustrialização desde os anos 1980, porém sua taxa de urbanização continua crescendo, representando uma verdadeira reprodução da pobreza e uma produção em massa de favelas (DAVIS, 2006).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Lei Geral da Acumulação Capitalista, como vimos, cria necessariamente um exército industrial de reserva que pode ser explorado de acordo com as necessidades do capital. Este modo de produção visa a autovalorização do capital, e não a produção de mercadorias, a geração de empregos ou renda. Seu modo próprio de funcionamento cria desigualdades, cria riqueza, por um

lado, e miséria, por outro. A exploração do trabalho e a valorização do capital são as duas faces de uma mesma moeda: uma não pode existir sem a outra.

Marx descreveu as condições da indústria têxtil há 150 anos. Steinbeck contou a história dos migrantes rurais há setenta anos. O escândalo Zara foi há seis anos. A última “lista suja” foi divulgada há um ano. O funcionamento do capitalismo continua o mesmo. A exploração do trabalho é efeito, e não causa. Combater este efeito terrível é de fato necessário, mas é preciso entender que é efeito, e não causa. Assim, a cada conquista de direitos trabalhistas, a cela de ouro é alargada, mas jamais rompida.

Steinbeck, assim como Marx, entende que o homem tem a pulsão de sempre caminhar em frente, seguir sobrevivendo. Não era, afinal, a máquina o maior inimigo do trabalhador. Marx diz que, ali nas fábricas inglesas do século XIX, faltava tempo e experiência aos trabalhadores para entender isso. Steinbeck mostra que um trator não é mau, se ele é nosso e trabalha nas nossas próprias terras. O trabalho sempre foi a forma de existência do homem, mas é apenas no capitalismo que este se torna mercadoria explorável, dominada e subjugada pelo capital.

Construir um muro, construir uma casa, um dique, e botar nesse muro, nessa casa, nesse dique algo do homem, e retirar para o homem algo desse muro, dessa casa, desse dique; obter músculos duros à força de movê-los, obter linhas e formas elegantes pela concepção. Porque o homem, mais que qualquer coisa orgânica ou inorgânica do universo, cresce à força de seu próprio trabalho, galga os degraus de suas próprias habilitações. É isto o que se pode dizer a respeito do homem; quando teorias mudam e caem por terra, quando escolas filosóficas, quando caminhos estreitos e obscuros das concepções nacionais, religiosas, econômicas alargam-se e se desintegram, o homem se arrasta para diante, sempre para a frente, muitas vezes sob o efeito de dores, muitas vezes inutilmente. Tendo dado um passo à frente, pode voltar atrás, mas não mais que meio passo, nunca o passo todo que já deu. Isto se pode saber quando bombas caírem dos aviões negros sobre a praça do mercado, quando prisioneiros forem tratados como porcos imundos, quando corpos crivados de balas rolaem na poeira. Aí, então, pode-se saber isto. Não tivesse sido dado esse passo, não estivesse vivo no cérebro o desejo de avançar sempre, essas bombas jamais cairiam e nenhum pescoço seria jamais cortado. Tenha-se medo de quando as bombas não mais caíam, enquanto os bombardeiros estejam vivos, pois que cada bomba é uma demonstração de que o espírito não morreu ainda. E tenha-se medo de quando as greves cessem, enquanto os grandes proprietários estejam vivos, pois que cada greve vencida é uma prova de que um passo está sendo dado. E isto se pode saber — tenha-se medo da hora em que o homem não mais queira sofrer e morrer por um ideal, pois que esta é a qualidade-base da Humanidade, é a que o distingue entre tudo no universo. (STEINBECK, 1976, p. 180-181)

A transformação da força de trabalho em mercadoria e sua exploração são próprias do modo capitalista de produção. A escravidão, por outro lado, não é privilégio capitalista, existe há milênios. Mostramos neste artigo que, para milhões de pessoas no mundo o século XXI se apresenta tal qual o século XVIII, para outras tantas, tal qual os séculos XIII ou XIV. O ponto central é que a apropriação do trabalho alheio percorre o tempo histórico. O século XXI parece diferente, mas ao examinarmos com cuidado, vemos que para milhões de pessoas a tecnologia, os direitos humanos,

os tratados de paz, o livre comércio, os direitos trabalhistas, as Nações Unidas são apenas palavras sem nenhum sentido.

BIBLIOGRAFIA

AGÊNCIA BRASIL. Zara é autuada por não cumprir acordo para acabar com trabalho escravo. **Carta Capital**, 2015. Disponível em: <<http://www.cartacapital.com.br/economia/zara-e-autuada-por-nao-cumprir-acordo-para-acabar-com-trabalho-escravo-8409.html>>. Acesso em: 08 out. 2016.

ANTUNES, A. Zara Accused Of Alleged 'Slave Labor' In Brazil. **Forbes**, 2011. Disponível em: <<http://www.forbes.com/forbes/welcome/?toURL=http://www.forbes.com/sites/andersonantunes/2011/08/17/zara-accused-of-alleged-slave-labor-in-brazil/&refURL=&referrer=#6def19b04f4b>>. Acesso em: 08 out. 2016.

BERTÃO, N. I. Zara admite que havia trabalho escravo em sua cadeia produtiva. **Veja**, 2014. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/economia/zara-admite-que-havia-trabalho-escravo-em-sua-cadeia-produtiva/>>. Acesso em: 08 out. 2016.

BURGEN, S.; PHILLIPS, T. Zara accused in Brazil sweatshop inquiry. **The Guardian**, 2011. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/world/2011/aug/18/zara-brazil-sweatshop-accusation>>. Acesso em: 08 out. 2016.

DAVIS, M. **Planeta Favela**. Tradução de Beatriz Medina. São Paulo: Boitempo, 2006.

MARX, K. **O capital**: crítica da economia política, v. I. Tradução de Regis Barbosa e Flávio R. Kothe. 2ª. ed. São Paulo: Nova Cultural, v. I, 1985.

MARX, K. **O capital**: crítica da economia política, v. II. Tradução de Regis Barbosa e Flávio R. Kothe. 2ª. ed. São Paulo: Nova Cultural, v. II, 1985.

MARX, K. **O capital**: crítica da economia política. Tradução de Reginaldo Sant'Anna. 12ª. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, v. I, 1988.

OSBORNE, L. High-street fashion store Zara accused of using slave labour at factories in Argentina. **Daily Mail**, 2013. Disponível em: <<http://www.dailymail.co.uk/news/article-2303358/High-street-fashion-store-Zara-investigation-use-slave-labour-factories-Arentina.html>>. Acesso em: 08 out. 2016.

PARINI, J. **John Steinbeck**: uma biografia. Tradução de Alda Porto e Marcos Santarrita. Rio de Janeiro: Record, 1998. ISBN 85-01-04631-0.

PYL, B.; HASHIZUME, M. Roupas da Zara são fabricadas com mão de obra escrava. **Repórter Brasil**, 2011. Disponível em: <<http://reporterbrasil.org.br/2011/08/roupas-da-zara-sao-fabricadas-com-mao-de-obra-escrava/>>. Acesso em: 08 out. 2016.

STEINBECK, J. **Their blood is strong**. San Francisco: Simon J. Lubin Society, 1938.

STEINBECK, J. **As vinhas da ira**. Tradução de Herbert Caro e Ernesto Vinhaes. São Paulo: Círculo do Livro, 1976.

STEINBECK, J. **Um diário russo**. Tradução de Claudio Marcondes. São Paulo: Cosac & Naify, 2003. ISBN 85-7503-212-7.